

# A DEMOCRACIA

JORNAL DOS OPERARIOS

1907. 1. 1. pg. 3

Publicado pelo Club Imprensa Operaria

&lt; Para que o trabalhador seja independente deve conquistar todo o produto do seu trabalho. &gt;

Administrador: Alberto Kruse

**EXPEDIENTE****"A DEMOCRACIA"**  
JORNAL DOS OPERARIOS

Apparece aos domingos. Assinaturas: Anno, 8\$000; semestre, 4\$000; trimestre, 2\$000; pagamento adiantado. A correspondencia deve ser dirigida a Goldstein, Rua Coronel Gennari, n.º 16.

Todos os assuntos referentes à parte administrativa devem ser tratados com o administrador: Alberto Kruse, Rua General João Telles, n.º 60, ou com o tesoureiro do Club Imprensa Operaria, Antônio Budzinski, Rua Tiradentes, n.º 1.

São agentes desta folha, nesta cidade, nas zonas em que residem:

Avelino Greco, Rua Ramiro Barcellos, n.º 110.

Julio Bibel, Avenida Minas Gerais.

M. Clemente Cavalcanti, Rua S. Luiz, Pertheson, n.º 50.

P. [redacted] Rua Coronel Genuíno, 40.

Natalino Meirelles, Avenida Germania (Navegantes) n.º 28.

José Macchi, Rua Ramiro Barcellos, 128.

Wilhelm Koch, Rua 7 de Abril, 36.

Avelino Greco, Rua Ramiro Barcellos, 119.

E' agente da "Democracia", para todos os efeitos, em São Leopoldo o nosso companheiro Carlos Kruse.

"A Democracia" tem suas columnas francas a todos os operários que quiserem tratar de assuntos de interesse real para a classe.

**AVANTI!**  
Único jornal socialista de grande formato e diário no Brasil

Em idioma italiano

Publica-se, ha 8 anos, em São Paulo. Redigido com elevado critério; artigos de fundo, de muito valor, em quasi todos os números; noticiário amplo, de vários pontos do universo, de interesse para os operários; serviço telegráfico bem desenvolvido; aos sábados insere a "pagina do domingo", que contém escolhida literatura socialista.

Preços de assinatura: Anno, 24\$000; semestre, 12\$000; trimestre, 6\$000; mensal 2\$000. Para o exterior, o duplo. Redacção e administração: Rua Boa Vista, n.º 18. Caixa postal 515 — São Paulo.

**Federação Operária do Rio Grande do Sul**  
COMISSÃO CENTRAL

Sessão ordinária, na quarta-feira, 10 de abril, às 7 da noite, à Rua Ramiro Barcellos, 128.

Por determinação do presidente, aviso aos companheiros delegados que a sessão terá começo, pontualmente, à hora marcada no presente anúncio.

— Confirmativa do leiaute,  
Secretário geral.

**G. de A. Graphics e Correlatas**

ASSEMBLÉA GERAL EXTRAORDINÁRIA

São convidados todos os sócios para a sessão de as-

sembléa geral extraordinária que realizar-se-á no domingo, na sede social, às 9 horas da manhã, para resolver-se quanto ao convite enviado a este Gremio pelo comitê organizador do 1º Congresso Gráfico Sul Americano, a instalar-se em Buenos Aires, em 1º de Junho vindouro.

João Francisco Pinto,  
1º secretário

**União dos Chapeleiros**

No domingo, 7 de corrente, haverá sessão extraordinária de assembléa geral, no prédio n.º 60 da Rua General João Telles, para resolver-se assunto de gravidade.

O secretário,  
Alberto Kruse.

**União dos Trabalhadores em Madeira**

2.ª Convocação  
Sessão de assembléa geral, domingo, 7, às 9 1/2 da manhã, na sede social.

Antônio Marques,  
2.º Secretário.

**União dos Metallurgicos**

Por ordem do companheiro presidente ficam avisados todos os sócios de que no domingo, 7 de abril, às 9 1/2 horas da manhã, haverá na sede da "União dos Metallurgicos" uma sessão ordinária de assembléa geral, cuja ordem do dia será a seguinte:

I — Proposta para aquisição da bandeira social;  
II — Proposições sobre a comemoração de 1º de Maio;  
III — Outros assuntos de interesse para a União ou para a classe dos metallurgicos em geral.

NB. — Pede-se aos conscienciosos pontualidade na hora do comparecimento.

**Allgemeiner Arbeiterverein**  
Sessão de assembléa, sábado, 13, às horas do costume, na sede social.

**União dos Pedreiros**

Sessão de assembléa geral ordinária, para prestação de contas, domingo, 21 de corrente, às 9 1/2 da manhã, no prédio sito à Rua Ramiro Barcellos, n.º 128.

O 1º secretário,  
Porfirio José da Silva.

Aviso aos sócios

O diretor em exercício durante o corrente mês é o companheiro Attilio Fornari, morador à Rua Aurora, n.º 114.

O 1º secretário

sem e estão convencidos de que a classe operária jamais logrará a reivindicação real, efectiva e definitiva de seus direitos enquanto no seu seio imperar a ignorância...

Triste é dizer-l-o — mas... é a verdade: a falta de instrução na maioria dos nossos irmãos de classe que produz todas as dificuldades que se antepõem à melhoria de suas condições.

O homem ignorante coloca-se — ou é colocado — sempre, em um destes dois extremos: ou na passividade de irracional, ou no morbido desperdiçar de esforços, provocado pelo fanatismo.

No primeiro caso não é raro velo sopitando as impulsões do seu dever, quicô de sua própria dignidade, contra injustiças burguesas, e, embora cheio de necessidades, alistar-se nas fileiras dos defensores do bem-estar babesco de certos patrões, como eunuchos a guardar, contra possíveis desvios, formosas odaliscas de languidos olhares de voluptu e lubricos sorrisos, encerradas no serralho de algum grão-sultão insaciável de gosos...

No segundo caso, não poucas vezes transforma-se em simples instrumento de especuladores, de indivíduos de má fé, perversos, que, para satisfazer desejos e planos inconfessáveis, instigam-nos à prática de actos censuráveis e criminosos mesmo.

Assim, pois, é evidente e irrefutável a necessidade, que se impõe ao bom criterio de quem quer que seja que pretenda trabalhar honestamente pela redenção do operário em nossa terra, de se esforçar para que se difunda a instrução entre elle.

Não se julgue, entretanto, que qualquer meio ou modo de fazê-lo será profícuo.

Para que surta o bom resultado da instrução é mister que ella não tenha por fim a propaganda de doutrinas incoadunáveis com os sentimentos do homem de bem que, isento das obsessões do egoísmo, precisa compreender como obrigação inelutável que deve ser útil à colectividade também e não cuidar sómente de auferir para si a maior somma imaginável de proveitos.

E' cumprido um só dos artigos dos seus estatutos, que agregação desses que erguem palácios atá, e ás vezes nem sequer conseguem um perimetro de telhado higiênico onde dormir, estabelecerão, brevemente, auxiliados pela Comissão Central da nascente Federação Operária do Rio Grande do Sul, a Escola dos Operários.

Reina entusiasmo para o consecuendo tão bello fito dos pedreiros associados.

E, convenhamos, este entusiasmo é tão justo quanto comunicativo.

Também nós nos sentimos entusiasmados por isso.

E assim sucede porque somos do numero dos proletários que pen-

Pela Instrução Pública

V

Mais um facto importantíssimo em abono das apreciações que temos feito sob o assumpto que nos serve de epígrafe, acaba de chegar ao nosso conhecimento.

Para este caso somos forçados a chamar a atenção do sr. dr. José Theodoro de Souza Lobo, inspector escolar da 1ª região que, como professor que é, está, indubitablemente, por esses dois motivos, apto para avaliar o que se segue:

Na rua Avahy, pelas imediações da Varzea, existe uma aula pública cujo numero de alunos excede ao de assentos e respectivas escrivaninhas, de modo que as crianças que vão mais tarde para a aula, vêm-se obrigadas a assentarem-se no estrado em que está collocada a mesa da professora, ou ficarem de pé aquellas que chegam por ultimo.

Ora, s. s. deve convir que além de não ser decente assentarem-se crianças no estrado, torna-se até um castigo sujeitar os alunos retardatários a conservarem-se de pé das 8 às 12 horas da manhã!

Sêres ainda debeis, como as crianças alumnas das escolas primárias, e, como sabemos, a maioria dellas vão para a aula com pouca alimentação, é uma injustiça sujeitá-las a conservarem-se de pé durante a aula do dia.

Por isso, perguntamos, temos ou não razões, quando, fazendo ha dias considerações sobre a estatística publicada, dissemos que a supremacia do Rio Grande do Sul na despesa sobre Instrução Pública só se revela no papel?

Não se pode colligir outra coisa, pois além de não suprir de livros e mais objectos necessários as aulas, ainda obriga os alunos a estarem de pé, por falta de assentos.

Outro facto que caracteriza a anomalia que existe neste ramo de serviço intitulado — Instrução Pública é o seguinte:

Dentre as muitas reformas porque tem passado a Instrução, a ultima, sobretudo, é um *príncipe*.

A secretaria da inspectoria geral funciona em um dos porões do edifício do palacio presidencial, ficando o arquivo trancado lá onde funciona a repartição em um dos compartimentos da antiga Escola Normal.

Dessa forma poderá haver presteza e dedicação no serviço? Certo que não.

As demais repartições que

formam o apparelho governativo acham-se estabelecidas em predios proprios ou para isso adequados. A repartição da Instrução Pública, que deve ser a mais cuidada, é a mais descurada; o expediente funciona em um edifício e o ar- chivo lá está atirado em ou- tro!!!

A continuar assim a distri- buição da Instrução Pública, devemos nós, operários, fundar escolas para nossos filhos, que são, em maioria, os alumnos actuaes dessa Instrução manca.

4—4—907.

Estevão Tavares.

**O JORNAL**

„Assigna um jornal qualquer, este por exemplo, ou mesmo qual- quer outro, mas assigna-o.“

E' esse o grande e útil conse- lho que dá um dos mais impor- tantes jornais americanos e acres- centa:

„O homem que sabe ler e não tem um jornal em sua casa é como a pessoa que pôde comer apre- sentando-lhe pão... morre de fome.“

E' bem certo que tu gastas com qualquer bagatela mais do que necessitas para pagar uma sub- scripção.

Toma, pois, uma assignatura, mas paga-a.

Não ha nada que dé peior índice de uma pessoa do que o facto in- verosímil e altamente humilhante da assinar um jornal e não pagar, pois de tão pouca con- chegamos a esta tristíssima ver- dade:

Quem trapaceia, mesmo n'um nickel a um pobre jornalista, é porque tem más entradas. E' infelizmente a dura realidade; convence-te e desengana-te.

Não leçous intelectuais nem pede jornaes emprestados a quem quer que seja, porque sendo o jornal — o pão — pedir o emprestado pa- ra ler é como ir todos os dias al- moçar em casa alheia.

Acostuma-te a ver que em tua casa não falte algum jornal — por via de regra paga puntualmente a tua assignatura.

Não te arrependeras!

Um jornal é um amigo, que nos visita e nos ensina muito.“

**OS GRAPHICOS**

Bella iniciativa acabam de ter as associações graficas de Buenos Aires na promoção de um Congresso Graphico.

Segundo comunicações rece- bidas o Congresso tratará de estudos de horários, salarios, fór- ma de trabalho, estatística, hy- giene, socorros mutuos e pre-videncia, acidentes no tra- balho, pactos de reciprocidade e todas as proposições que ten- derem a elevar moral e mate- rialmente o obreiro graphico.

Também é intenção das as- sociações organizadoras do Con- gresso ligar todas as sociedades graficas latinas em uma forte e poderosa associação igual ás da Europa, afim de unir todos os esforços em prol de seus bem entendidos interesses.

Não deixa de ter sua im- portância o tentamen dos nossos companheiros, e alias muita, em face da situação movimentosa porque está passando o opera- riado universal, e seria incuria de nossa parte, os graphicos,

George Renard.

si de qualquer modo não ation- dessemos ao chamado daquelles que lutam pela reinvindicagão.

O Gremio de Artes Graphicas e correlatas de Porto Ale- grê receberam convite do comitê organizador do Congresso para se fazer representar. E poderá corresponder dignamente ao convite? E' que podemos eu duvida attendendo á desorganisa- ção que existe em nossa classe.

Em todo caso, ac que sabemos, o Gremio não deixará de corresponder ao convite recebi- do, cumprindo desse modo como puder a missão de que se acha investida a respectiva directoria.

Agora duas palavras: Têm ou não têm rasão a propaganda que temos feito em prol da organizaçao de nossa classe, para, em occasiões como esta que se oferece-nos fazer conhecido la- fóra como aqui existe classe type- graphica?

Claro que sim.

M. PEREIRA.

**QUE É SER SOCIALISTA ?**

Ser socialista, é reconhecer, pri- meiro, a todo ser humano, o direito de conquistar livremente todos os bens materiais e espirituais que pode oferecer a existencia. E, em virtude desse principio, é também o da democracia, aceitar como regula uma perfeita equivalencia entre o seu interesse pessoal e o interesse de cada um; é, igualmente, sofrer da injustiça e da miseria, causadas pela desigualdade, social, mesmo quando elas não nos ferem, sâo noutro, por esse "outrem" sonos nôs. E', por conseguinte, querer que a sociedade, que representa uma coa- lition pela vida, ponha ao alcance de todos, sem distinção alguma, eguais meios de desenvolver-se in- tegralmente ou não, consoante as suas preferencias e as suas apti- dões.

Ser socialista é tender a completa abolição dos privilégios ou, o que é o mesmo, ao estabeleci- mento da igualdade no domínio economico, assim como no domínio politico; é tender a que, em toda sociedade, em vez da antiga divisão em pobres ricos, prote- gidos e protectores, trabalhadores e ociosos, exista apenas uma classe, cujas unidades componentes, com excepção dos velhos e dos doentes, tentam a obrigatoria e fa- cultade de trabalhar, sem que pos- sam obrigar pessoa alguma a tra- balhar por si ou em seu proveito.

Ser socialista não é preparar a victoria de um partido, a supre- macia de tal ou tal pôrço do povo. E' estabelecer um regime em que todas as actividades se coordenem e cooperem para o bom funcio- namento do conjunto; é substituir a força e astúcia pela conciliaçao a guerra pela paz, o antagonismo entre os povos, a instalação de Bancos agrícolas, destinados a facilitar o crédito aos que almejam enriquecer a patria, por meio do trabalho.

Foi com a criação dessas instituições de credito que a Alemanha e a Polonia conse- guiram radicar, no animo de seus habitantes, o amor á agri- cultura.

Como o afirmou um dos leaders do socialismo na Alle- manha, o partido democratico social mesmo com 43 deputados contra 354 (pois que o numero total de membros do parlamento federal alemão é de 397) hade fazer valer a sua influencia no Reichstag, continuando a ser o espectro do burguezismo retrogrado e, principalmente, do imperador — que não perde a perigosa mania de expansão de domínio colonial na Asia, na Africa e... talvez na America e na Oceania, no tocante á politica inter- nacional, e, quanto á politica inter- naciona, se esforça para reduzir o seu paiz a feudo mais submisso ainda do que os do tempo em que nascer o príncipe Llohenzollern.

Dessa Wirtschaftsform nennen wir Kapitalismus, kapitalistische Produktionsweise. Da nun aber die moderne zum Erwachen und Bewusstsein ge- kommenen Arbeitersklasse (also der seitherige dumme Esel et- was gescheiter geworden ist) in dem Kapitalismus eine schwere Benachteiligung erblickt, so geht ihr Streben dahin, diese Wirtschaftsform zu beseitigen, und deutlich zu erblicken, wie lächerlich die einfältige Behan- dung gewisser Leute ist, dass die Sozialisten die Arbeit ab- schaffen wollten, eine natur- nothwendige Einrichtung für Leben und Gesundheit. Die natürliche Form der Arbeit wird also immer dieselbe blei- ben, nur die gesellschaftliche Form der Bedürfnissbefriedigung hat gewechselt und wird auch noch später wechseln.

Ganz anders liegt nun die Sache mit der gewerkschaftlichen Arbeiterbewegung. Die-

**Deutsche Abteilung****Der Kampf um die Arbeitskraft.**

I

Die zum Leben und Erhal- ten der Menschheit gab es ge- scheite und dummo Esel, und seither, wie auch noch heute, beinnerken wir das Bestreben einer Minderzahl von Menschen der gescheiten Esel, sich auf Kosten fremder Arbeit ein an- genehmes arbeitsloses Faulen- zerleben zu verschaffen. Zu

dem Zwecke setzte sich diese Minderzahl, sich zu den Ge- branchswerten, und eine von allen Gesellschaftsformen unab- hängige Existenzbedingung der Menschen, eine ewige Natur- nothwendigkeit, nm den Stoff- wechsel zwischen Mensch und Natur, also das menschliche Leben zu vermittel. Die Ge- branchswerte sind Verbindun- gen von zwei Elementen, Natur- stoff und Arbeit. Der Mensch kann in seiner Produktion nicht verfahren, wie die Natur selbst, das heisst, er kann nur die Formen der Stoffe ändern. Die Arbeit ist nicht die einzige Quelle des Reichtums. Die Arbeit ist sein Vater, wie William Petty sagt, und die Erde ist seine Mutter. In die- sen Sätzen weist Karl Marx auf die innige Verbindung hin zwischen der Natur und der menschlichen Arbeit. Die Natur gibt uns die Stoffe, die der Mensch mit seiner Arbeit in bestimmt, zweckentsprechende Formen bringt. Der Mensch hat zahlreiche materi- al und geistige Bedürfnisse, die Natur kommt diesen Be- dürfnissen entgegen, indem sie dem Menschen ihre Schätze und Kräfte zur Verfügung stellt, der Mensch seinerseits wendet Arbeit auf, um die Naturstoffe gebrauchsfähig zu gestalten, und die Naturkräfte zweckmässig zu verwenden. Und da die Arbeit im physiologischen Sinne nichts weiter ist, als die Verausgabe menschlicher Arbeitskraft in irgend einer zweckbestimmten Form, so können wir sagen, dass das Leben des einzelnen Menschen so gut wie das der gesamten Menschheit sich nm die zwei Pole: Natur und menschliche Arbeitskraft dreht. Und in der Tat beobachten wir denn auch, dass die Möglichkeit der Bedürfnissbefriedigung darauf beruht, dass Natur und Arbeitskraft eine Verbindung eingehen, um, Gebrauchsgegen- stände zu schaffen, die dem jeweiligen Bedürfniss entgegen- kommen.

Schon im Urzustand musste der Mensch arbeiten; er musste der Natur ihre Gaben abge- winnen, also zunächst Natur- produktion treiben, und er musste diese Stoffe zum Ge- brauch herrichten, was sein damaliges Gewerbe zu nennen wäre, gerade so, wie wir dies auch noch heute thun, und auch noch später thun müssen. Und gerade hieraus ist klar und deutlich zu erblicken, wie lächerlich die einfältige Behan- dung gewisser Leute ist, dass die Sozialisten die Arbeit ab- schaffen wollten, eine natur- nothwendige Einrichtung für Leben und Gesundheit. Die natürliche Form der Arbeit wird also immer dieselbe blei- ben, nur die gesellschaftliche Form der Bedürfnissbefriedigung hat gewechselt und wird auch noch später wechseln.

Die zum Leben und Erhal- ten der Menschheit gab es ge- scheite und dummo Esel, und seither, wie auch noch heute, beinnerken wir das Bestreben einer Minderzahl von Menschen der gescheiten Esel, sich auf Kosten fremder Arbeit ein an- genehmes arbeitsloses Faulen- zerleben zu verschaffen. Zu

dem Zwecke setzte sich diese Minderzahl, sich zu den Ge- branchswerten, und eine von allen Gesellschaftsformen unab- hängige Existenzbedingung der Menschen, eine ewige Natur- nothwendigkeit, nm den Stoff- wechsel zwischen Mensch und Natur, also das menschliche Leben zu vermittel. Die Ge- branchswerte sind Verbindun- gen von zwei Elementen, Natur- stoff und Arbeit. Der Mensch kann in seiner Produktion nicht verfahren, wie die Natur selbst, das heisst, er kann nur die Formen der Stoffe ändern. Die Arbeit ist nicht die einzige Quelle des Reichtums. Die Arbeit ist sein Vater, wie William Petty sagt, und die Erde ist seine Mutter. In die- sen Sätzen weist Karl Marx auf die innige Verbindung hin zwischen der Natur und der menschlichen Arbeit. Die Natur gibt uns die Stoffe, die der Mensch mit seiner Arbeit in bestimmt, zweckentsprechende Formen bringt. Der Mensch hat zahlreiche materi- al und geistige Bedürfnisse, die Natur kommt diesen Be- dürfnissen entgegen, indem sie dem Menschen ihre Schätze und Kräfte zur Verfügung stellt, der Mensch seinerseits wendet Arbeit auf, um die Naturstoffe gebrauchsfähig zu gestalten, und die Naturkräfte zweckmässig zu verwenden. Und da die Arbeit im physiologischen Sinne nichts weiter ist, als die Verausgabe menschlicher Arbeitskraft in irgend einer zweckbestimmten Form, so können wir sagen, dass das Leben des einzelnen Menschen so gut wie das der gesamten Menschheit sich nm die zwei Pole: Natur und menschliche Arbeitskraft dreht. Und in der Tat beobachten wir denn auch, dass die Möglichkeit der Bedürfnissbefriedigung darauf beruht, dass Natur und Arbeitskraft eine Verbindung eingehen, um, Gebrauchsgegen- stände zu schaffen, die dem jeweiligen Bedürfniss entgegen- kommen.

Schon im Urzustand musste der Mensch arbeiten; er musste der Natur ihre Gaben abge- winnen, also zunächst Natur- produktion treiben, und er musste diese Stoffe zum Ge- brauch herrichten, was sein damaliges Gewerbe zu nennen wäre, gerade so, wie wir dies auch noch heute thun, und auch noch später thun müssen. Und gerade hieraus ist klar und deutlich zu erblicken, wie lächerlich die einfältige Behan- dung gewisser Leute ist, dass die Sozialisten die Arbeit ab- schaffen wollten, eine natur- nothwendige Einrichtung für Leben und Gesundheit. Die natürliche Form der Arbeit wird also immer dieselbe blei- ben, nur die gesellschaftliche Form der Bedürfnissbefriedigung hat gewechselt und wird auch noch später wechseln.

Die zum Leben und Erhal- ten der Menschheit gab es ge- scheite und dummo Esel, und seither, wie auch noch heute, beinnerken wir das Bestreben einer Minderzahl von Menschen der gescheiten Esel, sich auf Kosten fremder Arbeit ein an- genehmes arbeitsloses Faulen- zerleben zu verschaffen. Zu

dem Zwecke setzte sich diese Minderzahl, sich zu den Ge- branchswerten, und eine von allen Gesellschaftsformen unab- hängige Existenzbedingung der Menschen, eine ewige Natur- nothwendigkeit, nm den Stoff- wechsel zwischen Mensch und Natur, also das menschliche Leben zu vermittel. Die Ge- branchswerte sind Verbindun- gen von zwei Elementen, Natur- stoff und Arbeit. Der Mensch kann in seiner Produktion nicht verfahren, wie die Natur selbst, das heisst, er kann nur die Formen der Stoffe ändern. Die Arbeit ist nicht die einzige Quelle des Reichtums. Die Arbeit ist sein Vater, wie William Petty sagt, und die Erde ist seine Mutter. In die- sen Sätzen weist Karl Marx auf die innige Verbindung hin zwischen der Natur und der menschlichen Arbeit. Die Natur gibt uns die Stoffe, die der Mensch mit seiner Arbeit in bestimmt, zweckentsprechende Formen bringt. Der Mensch hat zahlreiche materi- al und geistige Bedürfnisse, die Natur kommt diesen Be- dürfnissen entgegen, indem sie dem Menschen ihre Schätze und Kräfte zur Verfügung stellt, der Mensch seinerseits wendet Arbeit auf, um die Naturstoffe gebrauchsfähig zu gestalten, und die Naturkräfte zweckmässig zu verwenden. Und da die Arbeit im physiologischen Sinne nichts weiter ist, als die Verausgabe menschlicher Arbeitskraft in irgend einer zweckbestimmten Form, so können wir sagen, dass das Leben des einzelnen Menschen so gut wie das der gesamten Menschheit sich nm die zwei Pole: Natur und menschliche Arbeitskraft dreht. Und in der Tat beobachten wir denn auch, dass die Möglichkeit der Bedürfnissbefriedigung darauf beruht, dass Natur und Arbeitskraft eine Verbindung eingehen, um, Gebrauchsgegen- stände zu schaffen, die dem jeweiligen Bedürfniss entgegen- kommen.

Schon im Urzustand musste der Mensch arbeiten; er musste der Natur ihre Gaben abge- winnen, also zunächst Natur- produktion treiben, und er musste diese Stoffe zum Ge- brauch herrichten, was sein damaliges Gewerbe zu nennen wäre, gerade so, wie wir dies auch noch heute thun, und auch noch später thun müssen. Und gerade hieraus ist klar und deutlich zu erblicken, wie lächerlich die einfältige Behan- dung gewisser Leute ist, dass die Sozialisten die Arbeit ab- schaffen wollten, eine natur- nothwendige Einrichtung für Leben und Gesundheit. Die natürliche Form der Arbeit wird also immer dieselbe blei- ben, nur die gesellschaftliche Form der Bedürfnissbefriedigung hat gewechselt und wird auch noch später wechseln.

Die zum Leben und Erhal- ten der Menschheit gab es ge- scheite und dummo Esel, und seither, wie auch noch heute, beinnerken wir das Bestreben einer Minderzahl von Menschen der gescheiten Esel, sich auf Kosten fremder Arbeit ein an- genehmes arbeitsloses Faulen- zerleben zu verschaffen. Zu

dem Zwecke setzte sich diese Minderzahl, sich zu den Ge- branchswerten, und eine von allen Gesellschaftsformen unab- hängige Existenzbedingung der Menschen, eine ewige Natur- nothwendigkeit, nm den Stoff- wechsel zwischen Mensch und Natur, also das menschliche Leben zu vermittel. Die Ge- branchswerte sind Verbindun- gen von zwei Elementen, Natur- stoff und Arbeit. Der Mensch kann in seiner Produktion nicht verfahren, wie die Natur selbst, das heisst, er kann nur die Formen der Stoffe ändern. Die Arbeit ist nicht die einzige Quelle des Reichtums. Die Arbeit ist sein Vater, wie William Petty sagt, und die Erde ist seine Mutter. In die- sen Sätzen weist Karl Marx auf die innige Verbindung hin zwischen der Natur und der menschlichen Arbeit. Die Natur gibt uns die Stoffe, die der Mensch mit seiner Arbeit in bestimmt, zweckentsprechende Formen bringt. Der Mensch hat zahlreiche materi- al und geistige Bedürfnisse, die Natur kommt diesen Be- dürfnissen entgegen, indem sie dem Menschen ihre Schätze und Kräfte zur Verfügung stellt, der Mensch seinerseits wendet Arbeit auf, um die Naturstoffe gebrauchsfähig zu gestalten, und die Naturkräfte zweckmässig zu verwenden. Und da die Arbeit im physiologischen Sinne nichts weiter ist, als die Verausgabe menschlicher Arbeitskraft in irgend einer zweckbestimmten Form, so können wir sagen, dass das Leben des einzelnen Menschen so gut wie das der gesamten Menschheit sich nm die zwei Pole: Natur und menschliche Arbeitskraft dreht. Und in der Tat beobachten wir denn auch, dass die Möglichkeit der Bedürfnissbefriedigung darauf beruht, dass Natur und Arbeitskraft eine Verbindung eingehen, um, Gebrauchsgegen- stände zu schaffen, die dem jeweiligen Bedürfniss entgegen- kommen.

Schon im Urzustand musste der Mensch arbeiten; er musste der Natur ihre Gaben abge- winnen, also zunächst Natur- produktion treiben, und er musste diese Stoffe zum Ge- brauch herrichten, was sein damaliges Gewerbe zu nennen wäre, gerade so, wie wir dies auch noch heute thun, und auch noch später thun müssen. Und gerade hieraus ist klar und deutlich zu erblicken, wie lächerlich die einfältige Behan- dung gewisser Leute ist, dass die Sozialisten die Arbeit ab- schaffen wollten, eine natur- nothwendige Einrichtung für Leben und Gesundheit. Die natürliche Form der Arbeit wird also immer dieselbe blei- ben, nur die gesellschaftliche Form der Bedürfnissbefriedigung hat gewechselt und wird auch noch später wechseln.

Die zum Leben und Erhal- ten der Menschheit gab es ge- scheite und dummo Esel, und seither, wie auch noch heute, beinnerken wir das Bestreben einer Minderzahl von Menschen der gescheiten Esel, sich auf Kosten fremder Arbeit ein an- genehmes arbeitsloses Faulen- zerleben zu verschaffen. Zu

dem Zwecke setzte sich diese Minderzahl, sich zu den Ge- branchswerten, und eine von allen Gesellschaftsformen unab- hängige Existenzbedingung der Menschen, eine ewige Natur- nothwendigkeit, nm den Stoff- wechsel zwischen Mensch und Natur, also das menschliche Leben zu vermittel. Die Ge- branchswerte sind Verbindun- gen von zwei Elementen, Natur- stoff und Arbeit. Der Mensch kann in seiner Produktion nicht verfahren, wie die Natur selbst, das heisst, er kann nur die Formen der Stoffe ändern. Die Arbeit ist nicht die einzige Quelle des Reichtums. Die Arbeit ist sein Vater, wie William Petty sagt, und die Erde ist seine Mutter. In die- sen Sätzen weist Karl Marx auf die innige Verbindung hin zwischen der Natur und der menschlichen Arbeit. Die Natur gibt uns die Stoffe, die der Mensch mit seiner Arbeit in bestimmt, zweckentsprechende Formen bringt. Der Mensch hat zahlreiche materi- al und geistige Bedürfnisse, die Natur kommt diesen Be- dürfnissen entgegen, indem sie dem Menschen ihre Schätze und Kräfte zur Verfügung stellt, der Mensch seinerseits wendet Arbeit auf, um die Naturstoffe gebrauchsfähig zu gestalten, und die Naturkräfte zweckmässig zu verwenden. Und da die Arbeit im physiologischen Sinne nichts weiter ist, als die Verausgabe menschlicher Arbeitskraft in irgend einer zweckbestimmten Form, so können wir sagen, dass das Leben des einzelnen Menschen so gut wie das der gesamten Menschheit sich nm die zwei Pole: Natur und menschliche Arbeitskraft dreht. Und in der Tat beobachten wir denn auch, dass die Möglichkeit der Bedürfnissbefriedigung darauf beruht, dass Natur und Arbeitskraft eine Verbindung eingehen, um, Gebrauchsgegen- stände zu schaffen, die dem jeweiligen Bedürfniss entgegen- kommen.

Schon im Urzustand musste der Mensch arbeiten; er musste der Natur ihre Gaben abge- winnen, also zunächst Natur- produktion treiben, und er musste diese Stoffe zum Ge- brauch herrichten, was sein damaliges Gewerbe zu nennen wäre, gerade so, wie wir dies auch noch heute thun, und auch noch später thun müssen. Und gerade hieraus ist klar und deutlich zu erblicken, wie lächerlich die einfältige Behan- dung gewisser Leute ist, dass die Sozialisten die Arbeit ab- schaffen wollten, eine natur- nothwendige Einrichtung für Leben und Gesundheit. Die natürliche Form der Arbeit wird also immer dieselbe blei- ben, nur die gesellschaftliche Form der Bedürfnissbefriedigung hat gewechselt und wird auch noch später wechseln.

Schon im Urzustand musste der Mensch arbeiten; er musste der Natur ihre Gaben abge- winnen, also zunächst Natur- produktion treiben, und er musste diese Stoffe zum Ge- brauch herrichten, was sein damaliges Gewerbe zu nennen wäre, gerade so, wie wir dies auch noch heute thun, und auch noch später thun müssen. Und gerade hieraus ist klar und deutlich zu erblicken, wie lächerlich die einfältige Behan- dung gewisser Leute ist, dass die Sozialisten die Arbeit ab- schaffen wollten, eine natur- nothwendige Einrichtung für Leben und Gesundheit. Die natürliche Form der Arbeit wird also immer dieselbe blei- ben, nur die gesellschaftliche Form der Bedürfnissbefriedigung hat gewechselt und wird auch noch später wechseln.

se stellt sich auf den Boden der kapitalistischen Produktionsweise, — wobei sie selbstverständ- lich und natürlich der Entwicklung zum Sozialismus sympatatisch gegenüber steht — und verfolgt den Zweck, schon in der Gegenwart dem Arbeiter Vorteile zu verschaffen, indem sie ihm hilft, sein wichtigstes Eigentum, die Arbeits- kraft, immer nutzbringender zu verwerten, das heißt mit andern Worten ausgedrückt, sie will dem Arbeiter helfen und leichter, als vereinzelt, ermöglichen, dass er seine Arbeits- kraft so tener als möglich ver- kauft werden, das heißt mit andern Worten ausgedrückt, sie will dem

da Silva, importante fazendeiro no Rio de Janeiro, seguirá brevemente para aquelle Estado o nosso amigo e companheiro Manoel Clemente Cavalcanti, que acaba de deixar o exercicio do cargo de procurador do Club Imprensa Operaria, em que prestou muitos e bons serviços.

Deixou de fazer parte do pessoal do *Cavador*, interessante hebdomadario humoristico e ilustrado ha pouco fundado nesta capital, o nosso amigo e talentoso colaborador Abel Zacharias da Paixão, que era um dos redactores e co-proprietario do mesmô.

Por falta de espaço no presente numero adiamos para a proxima edição varias noticias interessantes que nos foram enviados de S. Leopoldo.

Regressou a esta capital, onde de novo vem fixar residencia, a exma. viuva do nosso inesquecivel companheiro e amigo Rodolpho Pfugrath.

Aos nossos assinantes que não recebemem pontualmente a *Democracia* pedimos o obsequio de reclamalo, com a maxima promptidão, à administração da mesma.

**Exposição de padereiros.** — A União dos Padeiros Hungaros vai fazer, de 15 de Maio a 30 de Junho proximo, em Budapest, uma grande exposição internacional de produtos de padaria. Será a primeira exposição internacional desse gênero e para ella pediram a protecção do governo.

O governo austriaco, comunicando ao do Brazil a realização dessa exposição, pediu-lhe que chamassem a attenção das classes interessadas, como sejam padeiros, moleiros e identicas profissões, afim de saber, o mais breve possível, se ha quem queira tomar parte na referida exposição e augmentar assim o numero de convidados.

**Beneficio.** — No dia 10 do corrente, será levado á effeito, no Polytheama, um espetáculo em beneficio da antiga sociedade *Floresta Aurora*.

Nesse festival tomarão parte os aplaudidos artistas *Os Geraido* e um grupo de amadores.

Ao nosso amigo e companheiro José Francesch Muset, dedicado membro da *União dos Pedreiros* e presidente do *Sociedad Española de Socorros Mutuos*, bem coiso à sua virtuosa consorte apresentamos felicitacões pelo nascimento de sua filha Olga.

**Desastre em S. João do Montenegro.** — No dia 12 do corrente den-se em Montenegro um desastre que emocionou profundamente a população.

Num dos arrabaldes da villa existe uma pequena fabrica de explosivos e fogos de artificios, de propriedade do sr. Eugenio Caldas. Trabalhavam nella, além do seu proprietario, os jovens Luiz e Aurelio, ambos de pouco mais de 12 annos de edade.

Na tarde daquella data, ás 2 horas, de regresso do jantar, os dois pequenos operarios pretendendo penetrar num compartimento da fabrica, onde se achava em deposito regular numero de bombas, encontrando-o fechado, empurraram a porta, que, tendo os gonzos quebrados, caiu sobre aquellas originando horroiosa explosão das mesmas.

Os pobres meninos ficaram horrivelmente queimados, morrendo dabi a poucas horas.

O sr. Eugenio Caldas, que na occasião do desastre dirigia-se para o pequeno estabelecimento e achava-se proximo, soffreu tambem queimaduras, porém sem gravidade, quando tentava socorrer os seus infelizes empregados.

A explosão causou forte abalo no solo, repercutindo a longa distancia o estampido.

O edificio ficou totalmente destruido, sendo presa das chamas parte do que lhe ficava vizinho.

Luiz e Aurelio, as duas victimas, eram filhos de vivas pobres, cuja subsistencia ajudavam com o produto do seu honrado labor.

Ainda um desastre! — Como se vae tornando numerosa a série de desastres de que são victimas operarios em officinas e no pleno labor!

Parece que a fatalidade quer tambem demonstrar á propria classe proletaria a necessidade da mesma agir no sentido de fazer com que o governo trate de realisar a tão prometida lei sobre accidentes no trabalho.

E essa série de desastres, que colocam infelizes trabalhadores fora da possibilidade de lutar pela vida, durante semanas, meses, annos ou que, não raro, causam-lhes a morte, vae num crescendo assustador, sem que seja uma qualquer providencia cujo escopo directo, real, efectivo seja minorar-lhes os tristes resultados!

A lista daquelles lamentaveis factos temos hoje a acrescentar mais este: José Martinelli, activo e havia profissional empregado na serraria Friederichs, teve a infelicidade de, no sabbado ultimo, na occasião em que trabalhava, soffrer o esmagamento do dedo pollegar da mão esquerda.

Enquanto, por effeito do desastre, estiver impossibilitado de trabalhar como dantes, Martinelli será compensado disso?

Talvez não! Porque a doutrina vulgar entre os industrialistas é a seguinte, que ouvimos, não ha muitos mezes, de um patrão que nunca soube o que é ser profissional do genero de industria de cujos proveitos gosa: "Os desastres de que são victimas os operarios — são cavacos do ofício e equivalente, apenas, aos prejuizos pecuniarios que os industrialistas sofrem ás vezes."

A esse demos, então, a merecida resposta; mas isso não adiantou nem adianta cosa alguma. O mister é que a classe operaria faça com que patrões e governos deste paiz saibam comprehender o caso como o caso é.

Os operarios não se devem deixar equiparar a simples machinas de somenos importancia e, ainda menos, a bestas de carga, cuja importancia é limitada ao tempo em que podem prestar servicos.

## SECÇÃO LIVRE

O Yago José Rey Gil

e ali verda completa a tua biography, que uns imprejos contaram-me o ou não publico porque a moral social não me permitiu o tanto porque eu devo respeitar malindres das pessoas dignas que podem por ti o por ti sentem — não sei si anizada, ignorada, alias, si assim for, ou muita lastima...

Repara persistentemente este espaço, personifica-o, interroga-o, aviva, em tua memoria, a lembrança de todos os actos que tens praticado e cynicamente nogas! Pense em todas as phases da tua vida, nas intrigas que hás orgiado, na tua hipocrisia indecriptivel, em todas as indignidades de que tons feito os llames de tuas mutações do caracter; reflecte, ó infeliz, recorda-to quanto tons sido ingrato, invejoso, perverso, calunioso; recorda-to do que só tens praticado o mal, — porque isso talvez te provoque lagrimas, e as lagrimas causadas pelo reconhecimento da culpa redinom tam-bom!

Recorda-to e reflecte, miserabilmente hebreo. E si as lagrimas — resquício de sentimento bom — não mais pudorem brotar de tósnhos, esforça-te, monta ti proprio, já que tanto mentes aos outros, e, embora só, fechado em tua alcova, — cõra, pela primeira vez, ao menos!

Porque tu perdo, ó infeliz judeu errante, os inutis esforços que empregas para difumar-me...

F. Xavier da Costa.

## AVISOS

### Achtung!

*Meinen wehrten Freunden und Behann-ten zur Nachricht, dass ich in avenida Missões einen Salão übernom-men habe, bitte mich bei Bällen oder sonstigen Vergnügen zu besüchte sichtigen, indem ich für prompte Bedie-nung sowie gute Speisen und Getränke sorgen werde.*

*Achtungvoll.*  
Bernhard Jung.

### Attenção!

*Aos meus distintos amigos e conhecidos comunico que estableci-me na avenida Missões com um amplo salão proprio para bai-les e diversões conge-neres, reuniões etc., no qual achar-me-ão sem-pre prompto para ser-vir, com prestesa e por preços modicos, ex-cellentes comedorias e líquidos.*

Bernhard Jung.

### BANCA DO MERCADO N. 3

José Brücker, locatario da banca n. 3 do Mercado, tem sempre á venda e por preços sem competencia ervas, cascas e raizes medicinarias garantidas, bem como superior mel, puro, tanto de abelhas da Europa como de mandaçaias.

### A Meridional

relojoaria sita á rua Voluntarios da Patria, em frente á praça dos Bombeiros, recebeu um grande sortimento de superiores relogios Remontoir, de níquel, com corrente do mesmo metal, de funcionamento ga-rantido, que vende a

**8\$000 cada um**

R. CALIENDO

## SOCIEDADES OPERARIAS

### DE PORTO ALEGRE

#### FEDERAÇÃO OPERARIA

### XO GRANDE DO SUL

Sede em Porto Alegre  
Presidente, Adolpho Brandt.  
Thesoureiro, Wilhelm Koch.  
Secretario, Francisco Xavier da Costa.

A correspondencia deve ser di-ridida ao secretario, à rua Coronel Genuino, n. 46. A secretaria inicia, nos dias utéis, das 7 às 8 da manhã e das 6 às 8 da tarde.

**Allgemeiner Arbeiterverein.** — Presidente, Pedro Mayer; secre-tario, Stefan Gossowski; thesou-reiro, Henrique Amthauer. Sede: Rua Voluntarios da Patria, 367.

**Club Imprensa Operaria.** — Fundado com o fim exclusivo de fazer a propaganda da reivindicação dos direitos do proletariado, por meio da publicação de jornais, pamphlets, boletins, etc., etc. "A Democra-cia" é redigida e editada sob as deliberações delle.

Sua directoria é a seguinte: Presidente, Porfirio José da Silva; secretario, Xavier da Costa; thesou-reiro, Antonio Budzin; procurador, Antonio Wandick.

**União Operaria Internacional.** — 1º secretario, José Rey Gil; 2º dito, Stefan Michalski; thesou-reiro, Paulino de Oliveira; bibliothecario, Pedro Mayer. Sede: Rua Ramiro Barcellos, 128.

**Gremio de Artes Graficas e Cor-relatas.** — Presidente, Francisco Xavier da Costa; secretario, João Francisco Pinto; thesou-reiro, Julio Henrique Otto Neu. Sede: Rua dos Andradadas, 539.

**União dos Trabalhadores em Ma-deira.** — Presidente, Carlos Mac-chi; vice-presidente, Pedro Si-mon; secretario, Guilherme Jung; thesou-reiro, Octavio dos Santos. Sede: Rua Ramiro Barcellos, 128.

**União dos Pedreiros.** — Presi-dente, João Perazzoni; vice-pre-sidente, José André Gonçalves; 1º secretario, Porfirio José; 2º dito, Carlos Macchi; thesou-reiro, Glic-eio Paulino. Sede: Rua Ramiro Barcellos, 128.

**União dos Metallurgicos.** — Pre-sidente, Adolpho Brandt; vice-pre-sidente, Alberto Heinrich; secre-tario, Francisco Marshner; thesou-reiro, Mathias Martinak. Sede: Rua Ramiro Barcellos, 128.

**União dos Empregados em Pa-daria.** — Presidente, Miguel Abba-de Filho; 1º secretario, Antonio di Giorgio; 1º thesou-reiro, João Sassen. Sede: Rua Conceição, 22.

**União dos Chapaleiros.** — Pre-sidente, Luiz Schöntag; vice-pre-sidente, Pedro Streng; 1º secre-tario, Alberto Kruse; 2º dito, Ma-noel R. Pereira; thesou-reiro, Luiz Werkhäuser. Sede: Rua General Joao Telles, 60.

**Towarzystwo Naprzód.** — Pre-sidente, José Masarek; secretario, Antonio Budzin; thesou-reiro, An-tonio Ciesiolski. Sede: Avenida Minas Geraes.

**Gremio Instructivo e Recreativo** 1º de Maio. — Presidente, Quin-tiliano Raupp; secretario, João dos Reis; thesou-reiro, Waldemar Bar-bosa. Sede: Salão 1º de Maio, na Avenida Missões.

**Syndicato dos Marmoristas.** — Directorio provisorio: Henrique Faccini e Stefan Michalsky. Sede: No Restaurant Faccini, rua Volun-tarios da Patria, proximo à rua Conceição.

**União de Socorros dos Opera-rios.** — Presidente, Ernesto Schell; 1º secretario, Albino Gussi; 2º dito, Augusto Costa; thesou-reiro, Clemente Lourenco Martins; pro-crador, Antero Fernandes da Silva. Sede: Rua Felipe Camarão, 19.

**Cooperativa de Calçados.** — Pre-sidente, Manoel Otero; secretario, Alcides I. de Horonal; thesou-reiro, Antonia Wandick. Sede: Estrada do Matto Grosso, 187.

**Syndicato dos Marceneiros e an-nexos.** — Secretario, Bernhard Jung; thesou-reiro, Orloff Neith, bibliothecario, Adolf Hartmann.

Sede: Salão 1º de Maio, na Ave-nida Missões, Navegantes.

inci